

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA GABRIELA DA SILVA

O LAÇO SOCIAL NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Maceió 2021

MARIA GABRIELA DA SILVA

O LAÇO SOCIAL NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia. Orientador: Charles Elias Lang

2020

O laço social na pandemia do novo coronavírus

Maria Gabriela da Silva¹

Resumo: Desde o início da pandemia do novo coronavírus, mais conhecido como covid-19, foi comum o sentimento de que vivenciamos algo novo, não em vão foi comum o uso do termo *novo normal*. Entretanto, autores como Dunker *et al.* (2021) e Birman (2020) observam que o que houve foi na verdade a intensificação de questões que já estavam postas nas relações, como o sentimento do medo e a experiência da angústia. Desse modo, ao analisar o laço social nesse momento pandêmico é possível compreender sobre os seus fundamentos, assim como que aquilo dado em um primeiro momento como novo, era, em verdade, a repetição acentuada de questões que já estavam postas no laço social e que inclusive o fundamenta. Analisar os fundamentos do laço social em um momento no qual ele passa por crises não é algo novo para a psicanálise, uma vez que o próprio Freud escreveu textos muito importantes sobre a cultura – e consequentemente o laço social – em momentos marcados por guerras e crises sanitárias. Sendo assim, é possível notar que a psicanálise dá bases para compreender o social, inclusive quanto este passa por momentos de crises. Dessa forma, cabe explorar os fundamentos do laço social para a psicanálise a fim de compreender as dinâmicas do laço social em meio à pandemia da covid-19.

Palavras-chave: psicanálise, laço social, covid-19.

Desde março de 2020 a humanidade vivencia de forma global a pandemia do novo coronavírus, mais conhecido como covid-19. Em vista de que a principal forma de transmissão desse vírus se dá no contato entre as pessoas, a primeira medida protetiva para evitar o aumento do número de pessoas infectadas foi o isolamento social. Com isso, estudos, trabalhos e outras atividades que costumavam se dá fora de casa passaram a acontecer dentro de casa e por meio virtual. Segundo uma narrativa lírica das relações, não existia problemas com essa medida. Entretanto, ainda no primeiro mês em que houve o estabelecimento do isolamento social foi possível averiguar que tinha aumentado o número de divórcios, violências domésticas e os sentimentos como a

¹ Graduanda em psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil

angústia e o medo, a citar alguns exemplos (COSTA, 2020). Dessa forma, aparentemente, as relações sociais tinham mudado, pois elas não estavam acontecendo como o esperado, não havia harmonia e tranquilidade mesmo para aqueles que estavam dentro de casa, e, aparentemente, entre pessoas queridas.

Por outro lado, nem todas as pessoas puderam cumprir com o isolamento social; seja porque estavam na linha de frente do combate ao coronavírus (profissionais da saúde e da segurança pública, por exemplo), seja porque exerciam atividades profissionais que não poderiam ser exercidas em home office e por isso, caso se dispensassem do trabalho para cumprir o isolamento, seriam despedidas e ficariam sem renda financeira. Também tinha o grupo de pessoas que até puderam ficar em casa, mas por não terem acesso à rede de internet, não tinham como manter o contato com outras pessoas e assim também vivenciaram a intensificação do medo e da solidão.

Seja para aqueles que puderam ficar em casa ou não, foi inevitável o encontro com o sentimento de medo, a experiência da angústia e a sensação de desamparo. Entretanto, essas experiências, sensação e sentimento não são novos dentro do laço social, de modo que é possível dizer que elas foram intensificadas e evidenciadas a partir dessa mais recente pandemia mundial (BIRMAN, 2020). Dessa forma, se não se trata de experiências ou sensações novas é possível, ao analisar o laço social na atualidade pandêmica, compreender também sobre seus fundamentos de forma geral, pois, foi possível notar que aquilo que em um primeiro momento foi dado como “novo normal” não era tão novo assim (DUNKER *et al.*, 2021).

Exercer uma leitura sobre os fundamentos do laço social em um momento no qual este passa por crises não é algo novo para a psicanálise, uma vez que o próprio Freud escreveu textos muito importantes sobre a cultura – e conseqüentemente o laço social – em momentos marcados por guerras e crises sanitárias; exemplo disso temos com o texto *O mal-estar na cultura* publicado em 1930, ou seja, em um período entre guerras e no qual ocorria uma grande crise econômica mundial, sendo também um texto que nunca perdeu sua validade e que expõe de forma clara e minuciosa questões relacionadas ao fundamento do sujeito e da cultura.

Dessa forma, seguindo o trajeto tomado por Freud no que diz respeito à implicação com o laço social, Dunker *et al* (2021) e Birman (2020) descrevem o atual contexto de crises como tomado por uma intensificação de algo muito característico das últimas décadas e que pode ser lido como o real apresentado no laço social de forma marcadamente desnudada e sem véu; aqui o real não é tomado como sinônimo de

realidade, mas enquanto um conceito que é muito presente na psicanálise lacaniana principalmente para compreender as dinâmicas do laço social. Sendo assim, é possível notar que a psicanálise também dá bases para compreender o social quanto este passa por momentos de crises. Dessa forma, cabe explorar os fundamentos do laço social para a psicanálise a fim de compreender as dinâmicas do laço social em meio à pandemia da covid-19.

Os resultados apresentados neste artigo decorrem de uma pesquisa desenvolvida durante um ano – entre agosto de 2020 e agosto de 2021 – a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) vinculado à CAPES e desenvolvido sob coordenação do Prof. Dr. Cleyton Andrade na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico com revisão bibliográfica no campo da psicanálise lacaniana e freudiana.

Nota sobre a linguagem

Jacques Lacan foi um psicanalista que articulou as discussões iniciadas em Freud com teorias da linguística e da matemática (SAFATLE, 2017). Por isso, em Lacan, é comum o uso de termos dessas outras áreas para explanar a psicanálise freudiana. Uma das teses lacanianas mais conhecida é sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem e que, portanto, somos seres de linguagem. Esta tese se tornou um aforismo bastante conhecido e que reúne influências advindas do estruturalismo, da linguística saussuriana e da filosofia hegeliana (DOR, 1989), ele é um modo teórico de dizer que nascemos em um mundo composto por estruturas que nos antecedem e nos influenciam na relação com os outros e no reconhecimento de si. Ou seja, desde quando nascemos o nosso desejo, as nossas demandas e as identidades são questões sempre mediadas pelo social, ou seja, com as outras pessoas. Por meio dessas relações somos introduzidos no social e em sua estrutura, isto é, em seus modos de funcionamentos.

No que concerne aos objetivos deste artigo, cabe decompor o aforismo de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem nos seguintes pontos: 1) reconhecer que a dimensão do sujeito para a psicanálise é que se trata de um sujeito do inconsciente e não do consciente, uma vez que ele porta um saber que não se sabe e que é capaz de se apresentar como estranho ao próprio sujeito; 2) compreender que a estrutura é tomada enquanto um sistema de leis, de pactos sociais, e, que comporta o campo da linguagem,

sendo a linguagem o que torna possível o relacionamento humano, mas ela não se restringe à fala. Por exemplo, Lacan, no Seminário 17: o avesso da psicanálise (1969-70/1992), analisa o social a partir da noção de discursos compreendendo que os discursos são uma estrutura que ultrapassa o campo das palavras, pois se referem ao modo do sujeito se posicionar no social.

Lacan, como um bom freudiano, não deixa de lançar mão, em sua leitura sobre o laço social, de que o sujeito se constitui por meio de sua relação com o outro (FREUD, 1921/2020), e, é na relação com o outro que aparece de forma escancarada questões que dizem respeito ao fundamento da própria vida humana.

O desamparo como fundamento da vida

Para Freud (1930/2020), a vida humana se constitui tendo como centro o desamparo, uma vez que é inerente à espécie humana que o sujeito, ao nascer, só sobreviva se tiver quem o ampare e supra suas necessidades. Sendo assim, uma vida que tem em seu fundamento a dependência à um outro constitui-se tendo o desamparo como centro, pois, a vida é toda tecida a fim de evitar o encontro com o desamparo originário, ou seja, quando a vida se encontra em seu estado mais fragilizado, mais impotente e dependente de um outro que ampare e proteja.

O desamparo é para Freud o fundamento da vida, uma vez que é em torno de contorná-lo que o sujeito faz laço social. É na tentativa de evitar o encontro com algo difícil de suportar, que angustia, que causa medo e que se apresenta como inominável, que a vida humana acontece.

O que em Freud recebe o nome de desamparo, em Lacan pode ser tomado como real. Um outro nome que Lacan usa para se referir à dimensão do real é *impossível*. Mas impossível de quê? De constituir significações, sentidos. É o ponto no qual a estrutura que antecede o sujeito e o influencia na forma como elabora sua vivência, acaba falhando – não dá conta de construir uma rede de significados e sentidos que o localizem naquilo que vive.

O impossível em Lacan pode ser entendido como um “modo de experiência subjetiva que parece sempre exceder nossa capacidade de simbolização e de transposição em imagens”. (SAFATLE, 2017, p. 78). Dessa forma, o encontro com o real pode ser entendido como o encontro com a impossibilidade de juntar elementos e deles tirar uma forma que possibilitaria lidar com a indeterminação dos sujeitos.

Assim, quando Dunker *et al.* (2021) e Birman (2020) dizem que o que se apresenta atualmente é o real sem véu eles se referem a essa dimensão do desamparo que se apresenta de forma nua, crua, revelando que nunca estamos seguros o suficiente, mesmo quando cercados de pessoas próximas. Entretanto, o laço social também se mostra não apenas como fonte de mal-estar, mas também de formas que possibilitam lidar com o mal-estar inerente à impotência de sobreviver estando sozinho. Muitas pessoas, inclusive, relataram que a pandemia ao mesmo tempo que estabeleceu afastamentos, também possibilitou aproximações. Isso expressa a dualidade (Eros e pulsão de morte) que Freud traz no *Mal-estar na cultura* (1930/2020), ou seja, a possibilidade de fazer ligação com o outro e a possibilidade de existir uma perda.

O laço social, dessa forma, se mostra tendo como fundamento a operação entre a dualidade vida e morte. Entretanto, não se trata de tender a um conformismo ou uma naturalização da morte, mas de dizer que a vida é um trabalho, um exercício que requer muito de cada pessoa para poder se relacionar com o outro, apesar das diferenças, pois a morte é sempre uma ameaça e quanto mais ela se mostra de forma acentuada, mais difícil fica o trabalho de fazer prevalecer a vida. Fica claro, portanto, que não há como anular o real que se apresenta nas relações sociais, mas é possível elaborar formas de lidar com ele (DUNKER, 2017).

A ruptura ou desestabilização do laço social evidencia o real com o qual estamos sempre às voltas de tentar tamponar, tentativa esta que ocorre por meio da relação com o outro. O axioma lacaniano “não existe relação sexual” (LACAN, 1971-72/2012, p.12) aponta para a mesma direção da discussão freudiana sobre o desamparo. Ou seja, entre os seres humanos não há relação de complementariedade, não há um encaixe perfeito. A impressão de que existe esse encaixe é fruto de mecanismos criados pela fantasia que anseia por uma sensação de completude, nos dizeres freudianos. Ali onde ocorre um encontro, há também um desencontro, uma ameaça de ruptura e por isso o laço social nos exige sempre um preço e uma capacidade de reinvenção constante.

A experiência de incompletude é costumeiramente vivenciada como uma experiência de morte. Não em vão o tempo atual de crise sanitária tem sido cercado pelo tema do luto. Um luto que se refere não apenas àqueles que morreram em decorrência do contágio pela Covid-19, mas também à perda de uma sensação de encaixe perfeito entre as pessoas. Por isso que o novo que temos vivenciado é, em verdade, algo muito familiar: o desamparo, o despreparo para a morte (IANNINI; EDITORIAL, 2020).

Laço social como um tratamento para o real

Para Lacan, o laço social é lido enquanto uma experiência de discurso, sendo o discurso tomado aqui enquanto algo que não se restringe somente ao que é falado (DUNKER, 2017). No discurso, está em jogo distintos modos de tratamento para o real. Dentre os quatro discursos que Lacan trabalha – do mestre, da histérica, do analista e o discurso universitário – o discurso do analista é tomado como aquele que representa o papel do coro no teatro (DUNKER 2017), como uma voz que participa da cena e enuncia, sem palavras, atuando de modo a favorecer a elaboração de novos modos de se posicionar diante do encontro com o real das relações. Assim, parece que o discurso do analista opera de uma forma particular com o real, sendo capaz de oferecer uma gramática possível aos mais recentes acontecimentos culturais, políticos e subjetivos que têm desnudado o real de forma ostensiva e desenfreada.

O que era novo se revela enquanto algo da ordem do que em Lacan é tomado como real, e assim, ao irromper de forma tão brusca nas redes simbólicas (o social) afetou a capacidade de lidar com o inesperado.

O laço com o outro, ou seja, a vida em comunidade, apesar de suas rachaduras e de também servir como fonte de mal-estar, é o meio mais eficaz de tratamento para o real – para o desamparo. Entretanto, um dos grandes empecilhos na elaboração de um tratamento para o real, no atual momento de crise sanitária, é o fato de que a transmissão do vírus da Covid-19 ocorre por meio do contato entre as pessoas, e, se o laço social surge como modo de tratamento para o real, estando esse laço mais limitado em termos de possibilidades de execução, o real aparece mais acentuadamente – o que explica também a experiência de angústia, pois ela é decorrente do encontro com o real, ou seja, com uma dimensão que faz furo na linguagem e abre margem para o sem sentido da vida.

Foram produzidas a ruptura e a descontinuidade radical das práticas de sociabilidade e dos laços subjetivos em todo o mundo, de forma a relançar e a rearticular em outras bases as coordenadas do processo civilizatório, em escala ampla, geral e irrestrita (BIRMAN, 2020, p.12)

Assim, a melhor forma de lidar com o real depende das possibilidades de cada sujeito e de cada cultura e época. Ocorre que nas últimas décadas as atuais sociedades e culturas parecem mostrar, de modo cada vez mais acentuado, a impossibilidade de dar um tratamento para o real (BIRMAN, 2020). Como destaca Dunker *et al.* (2021), talvez

o marcador mais fidedigno da entrada no século XXI e no conhecido que nos enlaça seja o acontecimento traumático – tanto para o sujeito, quanto para a coletividade.

O acontecimento traumático é uma experiência que marca, e, tal como uma ferida expondo as camadas internas da pele, denuncia a dimensão fundamental do sujeito e da cultura.

O século XXI tem sido marcado por rupturas radicais nas práticas de sociabilidade que se acentuaram vertiginosamente nos últimos dois anos (BIRMAN, 2020) em decorrência da mais recente pandemia. Contudo, o que hoje se apresenta enquanto uma grande rachadura nos laços sociais é, na verdade, a continuidade de acontecimentos nocivos, só que mais silenciados. "As desigualdades sociais brasileiras e internacionais, foram caricaturalmente intensificadas na pandemia, aumentando as precariedades de forma obscena, assim como o racismo estrutural" (BIRMAN, 2020, p. 102).

Conclusão

Já faz mais de um ano que a humanidade tem ficado às voltas com o acontecimento traumático decorrente do novo vírus da Covid-19 e tentado lidar com as diversas crises que se instauraram desde então. Assim, como em um momento de guerra, "o homem primitivo se descortina por baixo de uma fina camada de convenções e ideais" (DUNKER *et al.*, 2021, p.17), revelando que a vida humana é marcada pela fragilidade do desencontro e do equívoco nas relações sociais.

Vivenciamos uma época em que as transformações têm se dado a nível global e em diversas áreas da vida (saúde, educação, economia, etc.) o que impacta a produção de sentidos e as coordenadas da vida e da cultura. O sem sentido aparece a princípio como algo novo, mas quando voltamos para os estudos de Freud e Lacan sobre o laço social percebemos que, em verdade, ele é o marcador mais fundamental da vida, pois é justamente aquilo que possibilita que a vida aconteça, uma vez que abre margem para que cada um, dentro do que lhe é possível, possa contornar essa ferida que é a ausência de sentido.

A tese de Lacan não é de que não há sentido no real, mas de que ele (o real) é uma ausência no sentido. Um furo. A pandemia revelou essa ausência, essa ruptura na própria construção de segurança, pois não estávamos seguros, nossa condição é de desamparo e agora essa condição nos é apresentada sem véu, o que nos exige muito

trabalho para elaborar formas de lidar com o mal-estar decorrente do encontro com a fragilidade da vida e o irrepresentável da morte, ainda mais quando, além de um vírus temos que enfrentar diversas outras crises decorrentes de políticas que deixam a vida humana à mercê da própria sorte.

A vida humana é marcada por um mal-entendido, por desencontros, pelo trágico, pela desordem, pela não complementariedade (BADIOU, CASSIN, 2013). Desse modo, é por conta de psicanálise tomar a vida humana como seu objeto de estudo sem desconsiderar essas dimensões trágicas que ela pode ser definida "como um entendimento ordenado da desordem subjetiva" (BADIOU, ROUDINESCO, 2012, p.86) e por isso capaz de trabalhar com um conceito como o real, que direciona para um ponto de furo, em que há o sem-sentido, ou seja, algo irrepresentável, impossível de dar conta.

Nesse sentido, comentaristas importantes da obra de Lacan como Miller, Roudinesco e Cassin, destacam que o ensino de Lacan, com o avançar do tempo, se desdobrou sobre o real e com isso evidenciou que ao avançar na compreensão da desordem subjetiva e cultural, encontra-se o real. Assim, é possível compreender que o encontro com um impossível de dizer e fazer que tem predominado na atual situação de crise sanitária, é algo que já estava presente no laço social e também que o fundamenta.

Tanto Freud quanto Lacan deixaram-se tocar pela desordem da vida humana, apontando, com isto, que a psicanálise e um psicanalista têm sempre que "alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época" (LACAN, 1953/1998, p.322). Desse modo:

Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. (LACAN, 1953/1998, p.322).

Referências

- BADIOU, Alain; ROUDINESCO, Élisabeth. **Jacques Lacan, passado presente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012. 96 p. Tradução Jorge Bastos.
- BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. **Não há relação sexual**: duas lições sobre "o aturrito" de lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Tradução Claudia Berliner.
- COSTA, Ana Maria Medeiros da. Efeitos da pandemia: os discursos e as formações clínicas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 481-494, 2020.
- DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem (1985). Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed Editora, 1989.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Discurso e semblante** (Leituras sobre Lacan - Volume 1). São Paulo: Nversos, 2017.
- DUNKER, Christian et al (org.). **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- IANNINI, G.; EDITORIAL, C. Sonhos confinados – uma pesquisa sobre a vida onírica no contexto de uma pandemia. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, Brasil, v. 7, n. 1, p. 103–113, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/24824>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.
- _____. **O seminário, livro 19**: ...ou pior (1971-1972). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2012
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, Sigmund (ed.). **O mal-estar na cultura**: cultura, sociedade, religião e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410. Tradução Maria Rita Salzano Moraes.
- _____. Psicologia das passas e análise do Eu (1921). In: FREUD, Sigmund (ed.). **O mal-estar na cultura**: cultura, sociedade, religião e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 137-232. Tradução Maria Rita Salzano Moraes.
- SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.